



CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA
Anticorrupção - Transparência - Integridade

5ª EDIÇÃO DO ÍNDICE DE TRANSPARÊNCIA DO SECTOR EXTRACTIVO (ITSE) 2025

(Empresas mais abertas. Sociedade mais forte)

OPACIDADE SELECTIVA O SECTOR EXTRACTIVO FALA DO SOCIAL E CALA-SE SOBRE O FISCAL

(Uma Análise de Cinco Anos à Transparência em Moçambique)

“Extrair recursos é um direito legal. Garantir o acesso à informação é um dever inegociável. A transparência é a base da confiança e do desenvolvimento.”

Título: OPACIDADE SELECTIVA - O SECTOR EXTRACTIVO FALA DO SOCIAL E CALA-SE SOBRE O FISCAL
(Uma Análise de Cinco Anos à Transparência em Moçambique)

Autor: Rui Mate

Director: Edson Cortez

Revisão de pares: Alberto Manguela, Edson Cortez, Gift Essinalo, Ivan Maússe, Júlia Zitha, Lázaro Mabunda, Liliana Mangove, Mery Rodrigues, Milagrosa Calangue, Teresa Boene, Zanele Chilundo

Revisão linguística: Samuel Monjane

Propriedade: Centro de Integridade Pública

5ª Edição

ÍNDICE

<i>Resumo Executivo</i>	4
1. INTRODUÇÃO	5
1.1 METODOLOGIA DO ITSE 2025.....	5
2. ANÁLISE DOS RESULTADOS DO ITSE 2025 - UM SECTOR DE EXTREMOS	6
2.1 ANÁLISE GERAL (ITSE-2025).....	6
2.2 ANÁLISE POR SECTOR (MINAS VS. HIDROCARBONETOS).....	7
2.3 ANÁLISE POR EMPRESA (O PÓDIO DA TRANSPARÊNCIA E O ABISMO DA OPACIDADE).....	7
3. A TRAJECTÓRIA DA TRANSPARÊNCIA (2020-2025)	9
3.1 A EVOLUÇÃO DA COLABORAÇÃO - UM DIÁLOGO EM CRESCIMENTO MAS LONGE DO IDEAL.....	9
3.2 ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS (2020-2025).....	9
4. DISTINÇÕES E PRÉMIOS DA 5ª EDIÇÃO DO ITSE (2025)	12
4.1 PRÉMIO PADRÃO-OURO DE EXCELÊNCIA EM TRANSPARÊNCIA 2025.....	12
4.2 O PÓDIO DA COMPETIÇÃO ITSE 2025.....	12
4.3 PRÉMIO ESPECIAL DE TRANSPARÊNCIA AMBIENTAL 2025.....	12
4.4 O Prémio Fóssil da Opacidade 2025.....	12
4.5 MENÇÃO HONROSA 2025 - O PRÉMIO SALTO QUÂNTICO EM TRANSPARÊNCIA.....	13
5. ANÁLISE DA PERCEÇÃO DOS STAKEHOLDERS SOBRE A TRANSPARÊNCIA	13
5.1 A PERCEÇÃO DO PÚBLICO GERAL.....	13
5.2 A VISÃO CRÍTICA DAS OSCs E DA MÉDIA.....	14
5.3 A PERSPECTIVA DO REGULADOR.....	14
5.4 ANÁLISE COMPARATIVA E CONCLUSÕES.....	14
5.5 TRANSPARÊNCIA FORMAL VS. TRANSPARÊNCIA EFECTIVA.....	14
5.6 CRUZANDO A PERCEÇÃO COM A REALIDADE DO ITSE.....	15
6. PERFIS DE TRANSPARÊNCIA IDENTIFICADOS	16
7. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	17
7.1 RECOMENDAÇÕES.....	18
<i>ANEXO 1: Tabela de Análise Comparativa das Percepções sobre a Transparência do Sector Extractivo em Moçambique</i>	<i>19</i>

RESUMO EXECUTIVO

A 5ª Edição do Índice de Transparência do Sector Extrativo (ITSE 2025) revela uma verdade desconfortável, mas necessária: cinco anos após o início da nossa monitoria, o sector que apresenta mais promessas para o futuro de Moçambique permanece cronicamente opaco e resistente à prestação de contas. Com uma pontuação média geral de apenas 17,98%, a indústria extractiva moçambicana opera num estado de opacidade que mina a confiança pública e impede que a riqueza do subsolo se traduza em progresso para o povo.

As Quatro Principais Conclusões:

- 1) A indústria está profundamente dividida. No topo, um pequeno grupo de elite – liderado pela Kenmare Resources (88,14%), SASOL (73,68%) e MRM (73,24%) - prova que a transparência é possível e alcançável. Do outro lado, abaixo, um abismo: 18 das 32 empresas avaliadas (56%) obtiveram uma pontuação de 0,00%, operando num estado de secretismo absoluto.
- 2) A transparência do sector é selectiva e desequilibrada. As empresas estão mais dispostas a falar sobre as suas iniciativas sociais e ambientais (*soft transparency*), mas continuam a esconder o que é essencial: quanto pagam em impostos, que contratos assinam e quem são os seus verdadeiros donos (*hard transparency*). A componente Fiscal (13,18%) é a mais opaca, o que é um sinal alarmante para um país dependente destas receitas.
- 3) A conclusão mais crítica é revelada pela falha das empresas públicas (liderar pelo exemplo). A ENH-Empresa Nacional de Hidrocarbonetos, o braço do Estado, obteve uma pontuação de 0,00%. Esta performance representa uma abdicação da sua responsabilidade de ser o padrão de excelência em prestação de contas, arrastando a média do sector para baixo.
- 4) Há um fosso profundo entre a transparência

formal e a percepção pública. O cidadão comum confunde visibilidade de marca com transparência, considerando empresas de bens de consumo (com 0% no índice) como as mais transparentes. Simultaneamente, empresas formalmente transparentes, como a MRM, são percebidas como opacas no terreno. Isto prova que não basta publicar relatórios. É preciso viver a transparência na interação diária com as comunidades.

Distinções Principais de 2025

- Prémio Padrão-Ouro de Excelência - atribuído à Kenmare Resources plc pela sua liderança consistente e desempenho exemplar ao longo de cinco edições.
- Pódio da Competição 2025 - liderado pela SASOL Petroleum Temane (1º lugar), seguida pela Montepuez Ruby Mining (2º lugar) e Twigg Exploration & Mining (3º lugar).
- Prémio Fóssil da Opacidade - atribuído à Vulcan Resources (pela destruição de um legado de transparência).

Recomendação Chave

A transparência não pode continuar a ser uma opção. O Governo de Moçambique deve passar da complacência à fiscalização activa, aplicando a lei e criando um Portal da Transparência único e obrigatório para a publicação de informações de interesse público. Às empresas, a exigência é simples: adoptem a transparência total como um pilar da vossa licença para operar, abandonando a opacidade selectiva e os buracos negros informacionais.

01. INTRODUÇÃO

Por que um índice de transparência do sector extractivo?

A exploração de recursos naturais - gás, carvão, grafite, ouro a rubis - é uma das maiores promessas para o desenvolvimento económico de Moçambique. No entanto, a história global e local ensina-nos uma lição dura: a riqueza do subsolo não se traduz automaticamente em riqueza para o povo. Quando envolta em secretismo, ela torna-se um catalisador para a corrupção, para a degradação ambiental e para o conflito social.

Deste modo, a transparência não é um ideal académico. É uma ferramenta pragmática de desenvolvimento. É a ponte que liga a extracção de recursos ao progresso social. É o direito dos cidadãos a uma pergunta fundamental: ***O que estão a fazer com o que é nosso?***

O Índice de Transparência do Setor Extrativo (ITSE), agora na sua 5ª Edição, nasceu desta convicção. Não é apenas uma classificação (*ranking*¹), mas um instrumento de diagnóstico e de advocacia. O seu objectivo é medir de forma objectiva a transparência proactiva das empresas que operam no país, não para as punir mas para provocar a mudança na sua actuação. Ao criar um padrão (*benchmark*²) público, o ITSE:

1. Capacita os cidadãos, a sociedade civil e a comunicação social com dados para exigirem a prestação de contas;
2. Incentiva as empresas a adoptarem melhores práticas, mostrando que a transparência é reconhecida e valorizada; e
3. Fornece aos reguladores um espelho do estado do sector, destacando as áreas onde a fiscalização é mais urgente.

¹ *Ranking* termo em inglês que significa ordenação ou classificação, geralmente segundo determinados critérios de desempenho, qualidade ou relevância.

² *Benchmark* é um termo em inglês que designa um padrão ou referência utilizado para comparação e avaliação de desempenho em relação a boas práticas, metas ou indicadores reconhecidos.

³ <https://www.cipmoz.org/wp-content/uploads/2024/08/Metodologia-ITSE.pdf>

1.1 METODOLOGIA DO ITSE 2025

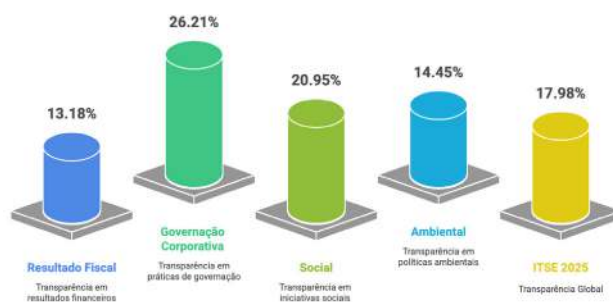
A credibilidade de um índice como este assenta exclusivamente na robustez e na aplicação imparcial da sua metodologia. Cada número neste relatório é rastreável e justificável. A metodologia completa pode ser consultada no documento “*Metodologia da 4ª Edição do ITSE*”³. Os seus pilares são os seguintes:

- A. As 4 Dimensões da Transparência (ESG-F) que assentam na avaliação de 45 indicadores, distribuídos por quatro dimensões críticas:
 1. Fiscal (a transparência sobre o dinheiro) – impostos e outras contribuições para o Estado;
 2. Governança Corporativa (a transparência sobre o poder) - quem são os donos, quais são as regras internas e como são feitos os contratos;
 3. Social (a transparência sobre o impacto nas pessoas) - emprego, comunidades, saúde e segurança; e
 4. Ambiental (a transparência sobre o impacto no planeta) - emissões, resíduos, água e biodiversidade.
- B. Princípio da Transparência Proactiva - onde a pontuação premeia a informação que é tornada pública de forma voluntária e acessível. A hierarquia é a seguinte:
 - pontos (máximo) - informação publicada no website da empresa em português;
 - 1 ponto - informação publicada no website da empresa em inglês;
 - 0,75 pontos - informação enviada directamente ao CIP em português, em resposta ao nosso questionário;
 - 0,5 pontos - informação enviada directamente ao CIP em inglês, em resposta ao nosso questionário; e
 - 0 pontos (Mínimo) - nenhuma informação disponibilizada.
- C. Princípio da Justiça Comparativa (Tratamento de Não Aplicável-N/A) - quando reconhecemos que nem todos os indicadores se aplicam a todas as empresas. Para evitar penalizações injustas, um indicador considerado N/A para uma empresa foi excluído da base de cálculo da sua pontuação, ajustando-se o denominador para refletir apenas o universo de indicadores relevantes para ela;
- D. Princípio do Equilíbrio (Média Geométrica).

Para a pontuação final de cada empresa é usando a Média Geométrica das quatro dimensões. Esta abordagem foi mantida para penalizar o desequilíbrio. A transparência não pode ser selectiva. Um desempenho excepcional numa área não pode compensar a opacidade total em outra. Uma pontuação de 0% em qualquer uma das quatro dimensões resulta, por conseguinte, numa pontuação final de 0%.

- E. Processo de Validação. Este não é um processo unilateral. As empresas foram contactadas. Receberam a metodologia, preencheram um questionário e, mais importante, tiveram a oportunidade de rever e contestar a sua avaliação preliminar, fornecendo evidências adicionais. As pontuações finais, como as da Montepuez Ruby Mining Limitada, da Twigg Exploration & Mining, Lda e da Kenmare Resources plc, por exemplo, reflectem este diálogo construtivo.

Gráfico 1: O Desequilíbrio da Transparência - Onde as Empresas Falam e Onde se Calam



A Governação Corporativa (média de 26,21%) é a área com o desempenho menos mau. As empresas estão mais dispostas a divulgar informação sobre as suas estruturas e políticas internas. No entanto, uma pontuação de 26% ainda é classificada como “Baixa”, mostrando que mesmo na sua “melhor” área, o sector falha.

- Social (média de 20,95%) é a segunda área com melhor desempenho. As empresas sentem-se relativamente confortáveis a divulgar os seus projectos sociais. A pontuação ainda se enquadra na categoria “Baixo”.
- Fiscal (média de 13,18%) aqui começa o problema sério. Com uma pontuação que a coloca firmemente na categoria “Opaco”, a transparência fiscal é o “calcanhar de Aquiles” do sector. As empresas recusam-se a ser abertas sobre o tema mais sensível, o dinheiro. A divulgação de pagamentos ao Estado continua a ser um tabu.
- Ambiental (média de 14,45%) a segunda área mais crítica. Apesar da crescente pressão global, as empresas em Moçambique continuam a tratar o seu impacto ambiental como um segredo, com uma performance igualmente “Opaca”.

A Conclusão é que a transparência do sector é desequilibrada. As empresas praticam uma transparência de conveniência. Falam sobre as suas políticas e projectos sociais (*soft transparency*⁴), mas calam-se sobre os impostos que pagam e o impacto que causam (*hard transparency*⁵).

02. ANÁLISE DOS RESULTADOS DO ITSE 2025 – UM SECTOR DE EXTREMOS

A 5ª Edição do Índice de Transparência do Sector Extrativo (ITSE) revela um sector profundamente polarizado. Os resultados de 2025 pintam o quadro de uma indústria a duas velocidades: de um lado, um pequeno grupo de empresas que demonstra um compromisso exemplar com a transparência, e do outro, uma esmagadora maioria que permanece entrincheirada na opacidade.

2.1 ANÁLISE GERAL (ITSE-2025)

A pontuação média geral do sector, de apenas 17,98% (calculada pela Média Geométrica), classifica a indústria extractiva moçambicana como Opaca. Este número, por si só, é um indicador alarmante. Mas, a análise por componente revela onde residem as maiores falhas.

4 Soft transparency corresponde à transparência narrativa e voluntária, associada a informações sociais, ambientais e reputacionais, muitas vezes comunicadas de forma seletiva, sem padrões de verificação independentes. É a transparência que mostra compromisso, mas não necessariamente responsabilidade.

5 Hard transparency refere-se à transparência material e verificável - aquela que envolve a divulgação de dados financeiros, fiscais, contratuais e de governação corporativa, sujeitos a auditoria, escrutínio público e obrigações legais. É a transparência que expõe fluxos reais de dinheiro e poder.

2.2 ANÁLISE POR SECTOR (MINAS VS. HIDROCARBONETOS)

A polarização do sector é ainda mais dramática quando se analisam os seus dois subsectores. Os resultados são contraintuitivos e revelam uma verdade preocupante.



Hidrocarbonetos

20,36%

12 empresas



Mineiro

11,19%

20 empresas

O sector de hidrocarbonetos, com uma média de 20,36%, situa-se na categoria “Baixo”. É um sector com fraco desempenho mas, paradoxalmente, o melhor entre os piores. A sua média, embora modesta, é sustentada artificialmente por um pequeno grupo de empresas internacionais (Sasol, TotalEnergies, Eni) e, de forma surpreendente, por uma subsidiária nacional, a Companhia Moçambicana de Hidrocarbonetos (CMH).

A CMH, com 41,63%, é a empresa moçambicana mais transparente do sector, superando largamente a sua própria empresa-mãe, a ENH (Empresa Nacional de Hidrocarbonetos), que obteve 0,00%. Esta discrepância revela uma disfunção profunda na governação do sector público de hidrocarbonetos.

Temos uma subsidiária que demonstra capacidade de prestação de contas, enquanto a sua controladora é menos transparente. Isto não é mera inconsistência, é o sintoma de ausência de uma política unificada de transparência e levanta uma questão incontornável: *A ENH não sabe o que a sua subsidiária faz, ou sabe, mas opta deliberadamente por não seguir o seu exemplo?*

Em qualquer dos casos, a ENH falha no seu dever mais básico enquanto empresa pública. A performance da CMH demonstra que ser uma empresa moçambicana não é uma limitação estrutural à transparência o que torna a opacidade da ENH ainda mais injustificável.

Já o sector mineiro, com uma média geral de 11,19%, configura um deserto de transparência, classificado como “Opaco”. Apesar de albergar as três empresas mais transparentes do país, Kenmare, MRM e Twigg, o desempenho destas é anulado por um mar de zeros: 17 das 20 empresas mineiras avaliadas (85%) obtiveram 0,00%.

A transparência mineira é, pois, uma miragem. Parece existir graças ao brilho de alguns oásis de excelência, mas a realidade da maioria das empresas é de opacidade quase total. Paradoxalmente, o sector de hidrocarbonetos, embora também fraco, apresenta uma distribuição menos desigual e, por isso, acaba por liderar a média geral, não por mérito, mas por contraste.

2.3 ANÁLISE POR EMPRESA (O PÓDIO DA TRANSPARÊNCIA E O ABISMO DA OPACIDADE)

A análise empresa-a-empresa expõe os verdadeiros heróis e vilões da transparência no ano de 2025.

O Top 5 da Transparência em 2025



O topo do ranking é dominado por um grupo de cinco empresas que elevam a média do sector. A sua performance demonstra que, apesar dos desafios, a transparência em Moçambique é uma meta alcançável.

A Kenmare Resources plc (88,14%) é a líder indiscutível de 2025. A sua pontuação, próxima da perfeição, é o resultado de um desempenho de excelência em todas as quatro dimensões, com destaque particular para as componentes Social (97,37%), Governação (90,91%) e Ambiental (90,91%). A Kenmare demonstra que é possível ser transparente em todas as frentes. A Kenmare define o padrão de excelência para o sector.

SASOL Petroleum Temane (73,68%). A Sasol conquista o segundo lugar com uma performance

muito forte, classificada como “Bom”. O seu desempenho é impulsionado por uma transparência quase perfeita nas componentes Ambiental (95,45%) e Social (92,11%), as melhores pontuações individuais registadas nestas categorias em todo o índice.

Montepuez Ruby Mining (MRM) (73,24%).

A MRM ocupa o terceiro lugar, também com a classificação de “Bom”. A empresa demonstra um desempenho muito equilibrado e robusto em todas as áreas, com um destaque particular na componente Ambiental (86,36%). A sua posição no pódio consolida a ideia de que a transparência é possível no complexo sector das gemas.

Twigg Exploration & Mining, Lda (62,40%).

A Twigg garante a quarta posição, com uma sólida classificação de “Bom”. A sua força reside na excelente pontuação em Governação Corporativa (76,14%) e Social (73,03%), demonstrando um forte compromisso com a divulgação das suas políticas internas e do seu impacto nas comunidades.

TotalEnergies (46,32%). A fechar o Top 5, a TotalEnergies é a primeira empresa a classificar-se como “Média”. Embora a sua pontuação seja

significativamente inferior à das quatro primeiras, destaca-se por ter um desempenho relativamente equilibrado, com uma pontuação de 50,00% na componente Ambiental e 63,64% em Governação.

O Fundo do Poço (Os Campeões da Opacidade)

No extremo oposto da tabela, encontramos um vasto grupo de 18 empresas (56% do total) com uma pontuação final de 0,00%. Este resultado significa uma ausência total de informação pública ou de colaboração com o processo de avaliação. É a definição de opacidade absoluta. Dentro deste grupo, destacam-se, negativamente, a Vulcan Resources, Mozambique Heavy Sands Company VII, Lda, Companhia Moçambicana de Gasoduto, Tazetta Resources e a Minas Moatize Lda. Abaixo a classificação final por empresa e componente:

Tabela 1: Resultados obtidos por empresa e por componente

Sector	N.ord	Projecto	Empresa	Fiscal	Governação corporativa	Social	Ambiental	Total (Media geometrica)	
Hidrocarbonetos	1	Pande e Temane	SASOL Petroleum Temane	50,00%	67,05%	92,11%	95,45%	73,68%	20,36%
	2	Moz LNG Área 1	TotalEnergies	25,00%	63,64%	57,89%	50,00%	46,32%	
	3	Hidrocarbonetos	Companhia Moçambicana de Hidrocarbonetos, SA (CMH)	50,00%	59,09%	44,74%	22,73%	41,63%	
	4	Rovuma LNG Área 4	ExxonMobile	25,00%	59,09%	26,32%	0,00%	33,88%	
	5	Coral Sul FLNG Área 4	Eni	12,50%	54,55%	34,21%	36,36%	30,35%	
	6	Rovuma LNG e Coral Sul (Área 4)	Mitsui & Co. Europe PLC	12,50%	27,27%	0,00%	0,00%	18,46%	
	7	Hidrocarbonetos	Empresa Nacional de Hidrocarbonetos-EP	62,50%	27,27%	18,42%	0,00%	0,00%	
	8	Bloco de Buzi	Buzi Hydrocarbons	0,00%	18,18%	18,42%	0,00%	0,00%	
	9	Transporte de gás Temane (Moc) a Secunda (RAS) 865 KM	ROMPCO - Republic of Mozambique Pipeline Company	0,00%	13,64%	2,63%	0,00%	0,00%	
	10	Transporte de gás - Ressano Garcia a Matola	Matola Gás Company, Sarl - MGC	0,00%	13,64%	10,53%	0,00%	0,00%	
	11	Operador do Gasoduto Moçambique-África do Sul	Companhia Moçambicana de Gasoduto-CMG	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	
	12	Projecto de distribuição de gás natural na cidade de Maputo e distrito de Marracuene	ENH-Kogás, SA	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	
Mineiro	1	Exploração de Areias pesadas	Kenmare Resources plc	75,00%	90,91%	97,37%	90,91%	88,14%	11,19%
	2	Exploração de Rubi	Montepuez Ruby Mining Limitada (MRM)	59,38%	76,14%	73,68%	86,36%	73,24%	
	3	Exploração de grafite	Twigg Exploration & Mining, Lda	50,00%	76,14%	73,03%	54,55%	62,40%	
	4	Exploração de Carvão	Haiyu Mozambique Mining Company	0,00%	9,09%	15,79%	0,00%	0,00%	
	5	Exploração de Carvão	ICVL Zambeze (Grupo ICVL)	0,00%	22,73%	10,53%	0,00%	0,00%	
	6	Exploração de Carvão	Minas Moatize Lda	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	
	7	Exploração de Carvão	Jindal Steel and Power Limited, - JSPL Mozambique Minerals, Lda	0,00%	4,55%	7,89%	0,00%	0,00%	
	8	Exploração de Carvão	Minas de Revuobè	0,00%	27,27%	28,95%	0,00%	0,00%	
	9	Exploração de ferro, titânio, vanádio e calcário	Capitol Resources, Lda	0,00%	4,55%	5,26%	0,00%	0,00%	
	10	Exploração de tantalite	Highland African Mining Company, Lda	0,00%	10,23%	5,26%	17,05%	0,00%	
	11	Energia e Mineração	Eurasian Natural Resources - ENRC Mozambique, Lda	0,00%	36,36%	18,42%	0,00%	0,00%	
	12	Exploração de Areias pesadas	África Great Wall Mining Development Company, Lda.	0,00%	4,55%	5,26%	0,00%	0,00%	
	13	Exploração de calcário e argila	Cimentos de Moçambique, S.A.R.L.	0,00%	31,82%	10,53%	0,00%	0,00%	
	14	Exploração de calcário e argila	CINAC-Cimentos de Nacala	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	
	15	Exploração de Carvão	Minas de Benga, Limitada (Grupo ICVL)	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	
	16	Exploração de Ouro	MMC Resources LDA	0,00%	9,09%	0,00%	0,00%	0,00%	
	17	Exploração de Areias pesadas	Mozambique Heavy Sands Company VII, Lda.	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	0,00%	
	18	Exploração de Água Mineral	Sociedade Águas Vumba	0,00%	4,55%	0,00%	0,00%	0,00%	
	19	Exploração de Areias pesadas	Tazetta Resources	0,00%	13,64%	2,63%	0,00%	0,00%	
	20	Exploração de Carvão	Vulcan Resources	0,00%	13,64%	10,53%	9,09%	0,00%	
Total				13,18%	26,21%	20,95%	14,45%	17,98%	

03.

A TRAJECTÓRIA DA TRANSPARÊNCIA (2020-2025)

A 5ª Edição do ITSE não é apenas uma fotografia do presente. É o culminar de uma jornada de cinco anos de monitoria e advocacia no sector extractivo de Moçambique. O facto de estarmos a analisar a evolução do desempenho e da colaboração das empresas desde a 1ª edição em 2020, permite-nos traçar um mapa claro do progresso e da estagnação, distinguindo as empresas genuinamente comprometidas das que permanecem entrincheiradas na opacidade.

3.1 A EVOLUÇÃO DA COLABORAÇÃO - UM DIÁLOGO EM CRESCIMENTO MAS LONGE DO IDEAL

A própria metodologia do ITSE evoluiu. A 1ª edição (2020) foi um exercício de avaliação unilateral, onde o CIP avaliou as empresas à distância. Reconhecendo as limitações desta abordagem, na 2ª edição o processo foi revisto para incluir o engajamento directo, dando às empresas a oportunidade de fornecerem contexto, clarificarem dados e partilharem informação não pública. Na 5ª edição as empresas foram convidadas a comentar a sua avaliação antes da publicação final dos resultados globais. A evolução da adesão a este processo de diálogo é, por si só, um indicador de transparência:



Este crescimento, embora modesto, é um sinal positivo. Demonstra que um núcleo crescente de empresas reconhece o valor da transparência e do engajamento com a sociedade civil. No entanto, o facto de 23 das 32 empresas (72%) ainda optam por não colaborar em 2025 é um sinal alarmante da resistência à prestação de contas que ainda domina o sector.

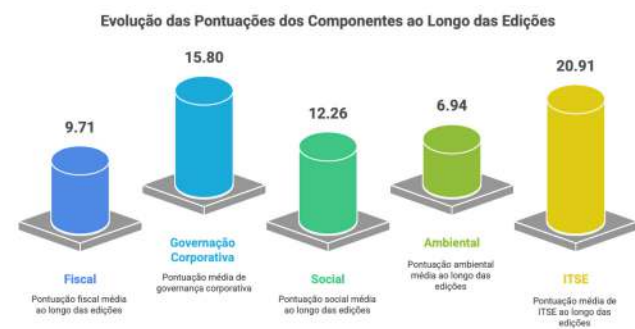
3.2 ANÁLISE COMPARATIVA DOS RESULTADOS (2020-2025)

Evolução das Pontuações Médias do ITSE

A análise da evolução das pontuações médias do ITSE ao longo das suas cinco edições pinta um quadro desolador. Longe de se observar um progresso constante, o que os dados revelam é uma degradação seguida de uma recuperação anémica, que nos deixa hoje num patamar de transparência significativamente inferior ao de 2020 (ver tabela abaixo).

Tabela 2: Evolução da Transparência por componente (2020-2025)

Ordem	Componente	1ª Edição (2020)	2ª Edição (2021)	3ª Edição (2023)	4ª Edição (2024)	5ª Edição (2025)	Tendência
1	Fiscal	7,00	7,47	4,09	14,77	13,18	Subida
2	Governança Corporativa	9,00	7,69	7,49	27,00	26,21	Subida
3	Social	8,00	6,15	6,25	19,46	20,95	Subida
4	Ambiental	5,00	3,52	2,86	10,88	14,45	Subida
5	ITSE	29,00	24,83	20,69	17,05	17,98	Descida



A análise da trajectória das pontuações médias do ITSE desde 2020 revela um paradoxo:

1. Como a tabela demonstra, se olharmos para cada componente individualmente, a tendência geral ao longo das cinco edições é de subida. A Governança Corporativa, a componente Social, a Fiscal e a Ambiental mostram uma pontuação média, em 2025, superior à das primeiras edições;
2. No entanto, a pontuação geral do ITSE conta uma história diferente. De um pico de 29%, na 1ª edição, o índice caiu para 17,98%, na 5ª. Como é isto possível? A resposta reside na evolução e no rigor da nossa metodologia.
 - Da 1ª à 3ª edição a pontuação geral do ITSE era calculada pela soma simples dos pontos obtidos em cada componente e contou com apenas 12 empresas. Este método, embora directo, tinha uma falha crítica: permitia que um bom desempenho numa área (por exemplo a Social) mascarasse uma opacidade total noutra (a Fiscal por exemplo).
 - A partir da 4ª edição o CIP adoptou a média geométrica para calcular a pontuação final. O número de empresas avaliadas aumentou para 32.

Esta metodologia, usada em índices globais como o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), tem uma propriedade fundamental: penaliza severamente o desequilíbrio. Garante que um fraco desempenho numa componente não possa ser compensado por um bom desempenho noutra. Uma pontuação de 0% numa única dimensão é suficiente para arrastar a média geral para perto de zero.

problema não é a régua estar mais dura, é o sector ainda não estar à altura dela.

Em termos simples, o sector extractivo moçambicano continua opaco no que é mais importante. Há pequenas melhorias, sim, mas insuficientes para mudar o quadro geral. Cinco anos depois, o balanço é claro: o sector continua menos transparente do que em 2020 e a recuperação é lenta.

O que isto nos diz sobre o sector?

A queda da pontuação geral do ITSE não significa que as empresas estejam a tornar-se totalmente menos transparentes. O que os dados mostram é que a transparência é desequilibrada e selectiva.

As empresas avançaram nas dimensões de *soft transparency* - falam mais sobre impacto social e ambiental, mas continuam a esconder o essencial: como gerem, quanto pagam e quem decide. Nas áreas de *hard transparency* - fiscal e de governação, ainda domina o silêncio. A nova metodologia do ITSE apenas tornou esta realidade mais evidente, o

Evolução das 12 Empresas Avaliadas desde a 1ª Edição

A comparação dos resultados ao longo das edições revela movimentos significativos no *ranking*, expondo quem sobe pelo mérito da transparência e quem desce pela inércia da opacidade. Para uma comparação justa, focamo-nos nas 12 empresas avaliadas desde a 1ª edição.

Tabela 3: Tabela Evolutiva do Desempenho (2020-2025)

Ordem	Empresa	1ª Edição (2020)	2ª Edição (2021)	3ª Edição (2023)	4ª Edição (2024)	5ª Edição (2025)	Média	Tendência
1	Kenmare Resources plc	64,80%	65,00%	93,10%	80,31%	88,14%	78,27%	● Subida
2	SASOL Petroleum Temane	33,30%	33,00%	59,90%	68,18%	73,68%	53,61%	● Subida
3	Montepuez Ruby Mining Limitada (MRM)	40,00%	40,00%	39,00%	63,87%	73,24%	51,22%	● Subida
4	Vulcan Resources	57,90%	58,00%	0,00%	4,55%	0,00%	24,09%	● Descida
5	TotalEnergies	43,30%	48,00%	22,50%	42,71%	46,32%	40,57%	● Estável
6	Empresa Nacional de Hidrocarbonetos-EP	35,80%	36,00%	32,10%	0,00%	0,00%	20,78%	● Descida
7	Jindal Steel and Power Limited, - JSPL Mozambique Minerais, Lda	19,30%	19,00%	14,90%	0,00%	0,00%	10,64%	● Descida
8	ICVL Zambeze (Grupo ICVL)	15,40%	15,00%	8,30%	0,00%	0,00%	7,74%	● Descida
9	ExxonMobile	15,00%	15,00%	20,60%	0,00%	0,00%	10,12%	● Estável
10	Eni	7,50%	8,00%	10,70%	21,66%	30,35%	15,64%	● Subida
11	Haiyu Mozambique Mining Company	5,00%	5,00%	42,90%	0,00%	0,00%	10,58%	● Descida
12	Empresa Moçambicana de Exploração Mineira	3,80%	5,00%	N/A	N/A	N/A	N/A	N/A

Notas:

1. Vulcan Resources - A queda drástica na pontuação da Vulcan a partir da 3ª edição coincide com a mudança de controlo acionista da Vale Moçambique para Vulcan Resources. A pontuação zero nas últimas edições reflecte uma ausência total de informação pública sob a nova gestão.
2. Metodologia: As pontuações da 1ª e 2ª e 3ª edições foram baseadas em metodologias ligeiramente diferentes das edições mais recentes, mas a tendência geral de desempenho permanece comparável e relevante.
3. Empresas Ausentes: A Empresa Moçambicana de Exploração Mineira deixou de ser avaliada em edições posteriores devido à sua extinção pelo Governo. Embora a decisão de extinção possa ter tido múltiplas causas, a correlação temporal com a sua classificação como a empresa menos transparente do país é um facto notável.

A análise da trajetória das 12 empresas avaliadas desde 2020 não revela apenas vencedores e vencidos, mas sim padrões de comportamento corporativo distintos e reveladores. A forma como as empresas reagem à avaliação e ao escrutínio público diz tanto sobre elas como a sua pontuação.

1. Os Líderes em Melhoria Contínua (Kenmare, Sasol, MRM)

- A Kenmare Resources consolida a sua posição como a líder histórica e o *benchmark* do sector. A sua trajetória de 64,8% para 88,14% mostra um compromisso inabalável com a melhoria contínua, mesmo partindo de uma base já elevada;
- SASOL Petroleum Temane é o caso de maior sucesso em termos de progresso. Com um salto impressionante de 33,3% para 73,68%, a Sasol prova que é possível uma transformação profunda, respondendo de forma exemplar às críticas e ao escrutínio do ITSE;
- A Montepuez Ruby Mining (MRM) também demonstra uma subida sólida e consistente, passando de 40% para 73,24%. A sua evolução positiva num sector tradicionalmente opaco é notável e digna de registo.

2. A Tragédia da Transição (Vulcan Resources)

- A história da Vale/Vulcan continua a ser a mais dramática. De uma posição de liderança com 57,9%, (ocupado a 2ª posição na primeira edição) a mudança de accionista levou a um colapso total para a opacidade, com 0% nas duas últimas edições. É o exemplo mais claro de como a transparência é uma decisão de gestão que pode ser revertida a qualquer momento.

3. A Estagnação e o Declínio dos Gigantes (TotalEnergies, ENH, ExxonMobil)

- A TotalEnergies flutua numa mediocridade estável, sem nunca se comprometer verdadeiramente com um salto qualitativo. A sua pontuação final de 46,32% é insuficiente para um actor da sua dimensão.
- A ENH apresenta um desastre em termos de trajetória de transparência. De uma pontuação inicial de 35,80% caiu para a opacidade total de 0,00% nas duas últimas edições, abdicando de qualquer pretensão de liderar pelo exemplo como empresa moçambicana.
- A ExxonMobil, similar à ENH, apresenta uma trajetória de declínio para a opacidade, terminando com 0,00% e demonstrando uma recusa em prestar contas em Moçambique.

4. Voo da Ícaro (Haiyu Mining)⁶

- A sua história permanece a mais volátil. Após um pico surpreendente de 42,9% na 3ª edição, a empresa regressou à sua opacidade habitual, com 0% nas duas últimas edições, confirmando que o seu esforço foi temporário e não uma mudança de cultura.

5. A Irrelevância dos Restantes

- A Jindal Steel, ICVL Zambeze e Eni mostram trajetórias diferentes. A Jindal e ICVL para a opacidade total e a Eni com uma ligeira subida, mas partilham um resultado final de irrelevância no panorama da transparência, com pontuações que não lhes permitem sair do fundo da tabela.

⁶ Voo da Ícaro em Transparência é uma expressão metafórica inspirada no mito grego de Ícaro, usada para designar um avanço rápido e deslumbrante em transparência, mas insustentável, que resulta em retrocesso ou perda de credibilidade.

04.

DISTINÇÕES E PRÉMIOS DA 5ª EDIÇÃO DO ITSE (2025)

A 5ª edição do ITSE não se limita a classificar, ela distingue. Com base nos resultados de 2025 e na análise da trajetória histórica, o Comité de Avaliação do ITSE atribui quatro distinções principais que reconhecem a excelência, celebram o progresso, destacam áreas críticas e expõem a opacidade persistente.

4.1 PRÉMIO PADRÃO-OURO DE EXCELÊNCIA EM TRANSPARÊNCIA 2025

Esta é a mais alta distinção do ITSE, reservada para a empresa que ao longo do tempo demonstrou um desempenho tão consistentemente superior, que transcendeu a competição anual tornando-se o *benchmark* para todo o sector. Vencedor: Kenmare Resources plc.

Justificativa

Com uma pontuação de 88,14% na 5ª edição e uma liderança histórica em todas as anteriores, a Kenmare Resources não está apenas a competir. Está a definir o padrão. A sua trajetória de melhoria contínua, mesmo partindo de uma base já elevada, e o seu desempenho de excelência consistente nas quatro dimensões avaliadas fazem dela o exemplo máximo do que é possível alcançar em transparência no sector extractivo moçambicano.

Mais do que vencedora de uma edição, a Kenmare transcendeu a competição anual. Tendo liderado, ou estado no pódio em todas as cinco edições do ITSE, consolidou-se como o referencial absoluto de transparência e prestação de contas no sector. Por esse motivo, o ITSE 2025 eleva a Kenmare à categoria de “Padrão-Ouro da Transparência”, reconhecendo o seu estatuto de líder institucional de longo prazo e retirando-a da competição directa pelo pódio desta edição, não como excepção, mas como consagração do seu papel enquanto modelo estruturante de integridade corporativa em Moçambique.

4.2 O PÓDIO DA COMPETIÇÃO ITSE 2025

Com a Kenmare elevada à sua própria categoria, o pódio da competição de 2025 reconhece as empresas que mais se destacaram na corrida pela transparência este ano.

- 1º Lugar: SASOL Petroleum Temane (73,68%). A Sasol conquista o primeiro lugar com uma performance classificada como “Bom”, impulsionada por uma transparência quase perfeita nas componentes Social e Ambiental. A sua subida consistente ao longo dos anos culmina, nesta edição, com a liderança da competição.
- 2º Lugar: Montepuez Ruby Mining (MRM) (73,24%). A MRM assegura o segundo lugar com um desempenho extremamente sólido e equilibrado, provando que a transparência no complexo sector das gemas é uma realidade e um objectivo alcançável.
- 3º Lugar: Twigg Exploration & Mining, Lda (62,40%). A Twigg sobe ao pódio com uma pontuação de “Bom”, sustentada por um forte desempenho em Governança Corporativa e Social, consolidando a sua posição no grupo de elite.

4.3 PRÉMIO ESPECIAL DE TRANSPARÊNCIA AMBIENTAL 2025

Este prémio destaca a importância crítica da transparência sobre o impacto ambiental, a área com o segundo pior desempenho médio do sector. Vencedor: SASOL Petroleum Temane

Justificativa

Com uma pontuação de 95,45% na componente Ambiental, a Sasol estabelece um padrão de excelência nesta área. A sua disposição para divulgar de forma proactiva e detalhada os seus dados sobre consumo de energia, emissões, e gestão de água e resíduos é um exemplo que deve ser seguido por todo o sector.

4.4 O Prémio Fóssil da Opacidade 2025

O Prémio Fóssil da Opacidade 2025, uma distinção irónica atribuída às empresas que permanecem estagnadas e resistentes à transparência, cristalizando práticas opacas, é concedido à entidade que na 5ª edição do ITSE representa o caso mais grave de retrocesso, tendo em conta o seu histórico e a sua

relevância no sector. Este ano, o Prémio Fóssil da Opacidade é atribuído à Vulcan Resources.

Justificação

A escolha é sustentada por uma pontuação de 0,00% na 5ª edição mas, sobretudo, por razões históricas que revelam um quadro preocupante sobre o estado da transparência no sector. A Vulcan Resources herdou da Vale Moçambique uma posição de referência. A Vale chegou a ocupar o topo do índice e a Vulcan desmantelou por completo essa cultura de abertura, mergulhando numa opacidade total.

A pontuação de 0,00% não é apenas um número, representa uma regressão simbólica e estrutural, um retrocesso institucional que expõe um dos maiores entraves à transparência no sector extractivo moçambicano, a ausência de compromisso com a gestão privada com a prestação de contas e com a continuidade de boas práticas.

4.5 MENÇÃO HONROSA 2025 - O PRÉMIO SALTO QUÂNTICO EM TRANSPARÊNCIA

OITSE valoriza o progresso tanto quanto o desempenho absoluto. A menção honrosa desta edição é atribuída à empresa que deu o maior e mais significativo salto qualitativo, não apenas em pontos, mas também em postura, demonstrando um compromisso excepcional com a melhoria. Com base na análise evolutiva, a menção honrosa de Salto Quântico em Transparência 2025⁷ é atribuída à SASOL Petroleum Temane.

Justificativa

Enquanto a Kenmare representa a excelência consistente, a Sasol representa a transformação. Nenhuma outra empresa fez um progresso tão grande e sustentado, duplicando a sua pontuação desde a primeira edição. A Sasol ouviu, agiu e reformou as suas práticas de divulgação de forma exemplar, provando que o ITSE pode ser um verdadeiro catalisador para a mudança. A Sasol já vinha numa trajetória de melhoria, tendo alcançado uma pontuação sólida de 68,18% na 4ª edição. No entanto, em vez de se acomodar, a empresa acelerou os seus esforços. Na 5ª edição, a Sasol subiu uns impressionantes 15 pontos percentuais, atingindo 83,06% e conquistando o 2º lugar no *ranking* geral. Este salto final, que a consolidou firmemente no pódio e a colocou no patamar dos líderes, representa o movimento mais significativo no topo da tabela e demonstra um compromisso exemplar em ir além do bom para alcançar a excelência.

⁷ Salto quântico é uma expressão usada em sentido figurado para designar uma mudança súbita e significativa, representando um avanço qualitativo substancial em relação ao ponto de partida. No contexto do prémio, indica progresso transformador em transparência.

05. ANÁLISE DA PERCEÇÃO DOS STAKEHOLDERS SOBRE A TRANSPARÊNCIA

Um índice de transparência não estaria completo se

medisse apenas o que as empresas publicam, sem auscultar se essa informação chega e como é percebida pelos seus destinatários, os cidadãos, a sociedade civil, a comunicação social e os próprios reguladores. Para captar esta dimensão, o ITSE 2025 incluiu inquéritos a estes quatro grupos de *stakeholders*. Os resultados são unânimes e alarmantes, há um fosso profundo entre as empresas e as pessoas que elas impactam. (Ver Anexo 1)

5.1 A PERCEÇÃO DO PÚBLICO GERAL

Com base em 102 respostas, destacam-se quatro conclusões principais:



- A maioria acredita que o sector extractivo não contribui, ou contribui apenas parcialmente, para o desenvolvimento nacional. Há desconfiança tanto em relação ao Governo como às empresas.
- O acesso à informação é amplamente negado, a maioria nunca teve acesso a dados, e quem os teve

refere rádio/TV e redes sociais como principais fontes.

- Os impactos negativos mais citados são: *i)* destruição ambiental, *ii)* deslocação de famílias; e *iii)* falta de transparência na gestão de recursos.
- O Governo é identificado como o principal responsável pela transparência, mas as empresas do sector são classificadas maioritariamente como “Nada” ou “Menos Transparentes”. Curiosamente, as poucas empresas consideradas “Transparentes” são de bens de consumo (água, cimento), o que sugere uma percepção baseada na visibilidade pública, não na divulgação de dados.

5.2 A VISÃO CRÍTICA DAS OSCs E DA MÉDIA

As respostas das Organizações da Sociedade Civil e dos órgãos de comunicação social que acompanham e fiscalizam o sector reforçam e aprofundam essa leitura:

- Estes grupos consideram ter dúvidas se o sector contribui para o desenvolvimento. São unânimes em afirmar que nem o Governo nem as empresas são transparentes.
- Nenhum inquirido teve acesso à informação completa. As principais barreiras apontadas são: *i)* ausência de dados públicos actualizados; e *ii)* falta de resposta institucional. Jornalistas acrescentam que, quando há resposta, ela é insatisfatória.
- Identificam impactos múltiplos: *i)* falta de transparência nos contratos e benefícios sociais; *ii)* impacto ambiental; e *iii)* conflitos comunitários.
- Todos atribuem ao Governo a principal responsabilidade pela transparência. Quase todas as empresas são classificadas como “Nada Transparentes”.

5.3 A PERSPECTIVA DO REGULADOR

A resposta dos reguladores oferece um olhar interno sobre o funcionamento institucional:

- O regulador considera que o sector contribui para o desenvolvimento e é gerido com transparência, embora reconheça transparência apenas parcial nas empresas.
- Afirma que as companhias respondem sempre às solicitações de informação e que mecanismos como a EITI funcionam bem.
- Aponta como principal desafio a escassez de

recursos técnicos para a monitoria.

- Entende que as empresas são as principais responsáveis pela transparência.

5.4 ANÁLISE COMPARATIVA E CONCLUSÕES

A análise cruzada das percepções revela um colapso na comunicação e na confiança entre quem explora os recursos e quem deles deveria beneficiar (ver Anexo 1).

- Todos os grupos, com exceção do regulador, partilham uma visão negativa da transparência do sector.
- O contraste mais marcante é o fosso entre o regulador e os restantes stakeholders. Enquanto o primeiro descreve um sistema funcional e cooperativo, os demais descrevem um sistema opaco, reativo e burocrático.
- Este desfasamento sugere que os mecanismos de reporte existem apenas na relação empresa-Estado, sem cumprir com o propósito público da transparência.

Em suma, a transparência que o regulador vê não é a mesma que os cidadãos sentem.

5.5 TRANSPARÊNCIA FORMAL VS. TRANSPARÊNCIA EFECTIVA

A análise sobre as empresas percebidas pelos *stakeholders* como “mais transparentes” revela um fosso profundo entre a realidade factual do ITSE e a percepção no terreno. Esta dissonância é, em si, uma das conclusões mais importantes do relatório.

Público Geral	Organizações da Sociedade Civil (OSCs)	Média	Regulador
Sociedade Águas Vumba CINAC Kenmare Resources Cimentos de Moçambique	Nenhuma empresa é considerada transparente	Sasol Petroleum Temane	MRM Montepuez Ruby Mining Kenmare Resources

Fonte: Inquérito ITSE 2024 sobre percepções de transparência (CIP, 2025).

A análise cruzada destes resultados com o ranking do ITSE permite-nos tirar duas conclusões cruciais:

1. Visibilidade de Marca é Confundida com Transparência. O público geral elege como mais transparentes empresas de bens de consumo (Águas Vumba, Cimentos de Moçambique, Cimentos de Nacala-CINAC). Estas empresas

têm uma pontuação de 0,00% no nosso índice, o que significa que são factualmente opacas. A Lição que se pode tirar é que o cidadão comum não mede a transparência com base em relatórios mas sim em familiaridade. A presença diária destas marcas na sua vida, através de produtos e publicidade, cria uma falsa sensação de abertura. Isto expõe o fracasso total do sector extractivo em comunicar com o público em geral. A única excepção é a Kenmare que sendo a líder do nosso índice, consegue furar a bolha e ser reconhecida por uma pequena parte do público.

2. O Paradoxo da MRM e o círculo de especialistas. A MRM é o caso mais fascinante. Enquanto o Regulador a considera a empresa mais transparente, as OSCs e o Público (que vive na zona de conflito) têm uma percepção muito mais negativa. Ao mesmo tempo, a nossa avaliação factual coloca-a no pódio com 73,24%. Isto ilustra a diferença crítica entre transparência formal e transparência efectiva. A MRM cumpre os requisitos formais de reporte ao Estado, o que lhe vale a admiração do Regulador e uma boa pontuação no ITSE. No entanto, esta transparência de gabinete não se traduz numa percepção de abertura no terreno. A sua operação é associada a conflitos e a uma postura de alta segurança. Para as comunidades a transparência não é um relatório. É a forma como são tratadas no dia-a-dia.

Em suma, a análise das percepções ensina-nos que a transparência tem múltiplas camadas. Os especialistas (Média, Regulador) reconhecem os esforços das empresas de topo (Sasol, Kenmare, MRM). As OSCs mantêm uma postura de ceticismo total. E o público, em geral, vive numa realidade à parte, influenciada pela visibilidade da marca e pela interacção directa no terreno, ignorando, quase por completo, os dados formais de transparência.

5.6 CRUZANDO A PERCEPÇÃO COM A REALIDADE DO ITSE

A análise das percepções não existe num vácuo. Ganha verdadeiro sentido quando é confrontada com a avaliação factual e objectiva do ITSE. Este cruzamento permite verificar até que ponto a frustração do público é justificada, a crítica dos especialistas é fundamentada e a visão do regulador se ancora na realidade.

Conclusão 1 - A percepção pública e técnica confirma os dados

A desconfiança generalizada do público e a crítica das OSCs e da média são validadas pelos resultados do ITSE 2025.

- A percepção de que o sector é opaco é confirmada pela média geral de apenas 17,98%. A dificuldade

de acesso à informação sobre contratos, impostos e beneficiários efectivos, apontada por estes grupos, corresponde directamente às baixas pontuações nas componentes Fiscal (13,18%) e Governação (26,21%).

- As empresas que o público e os especialistas não conseguem avaliar por falta de informação são, em grande parte, as mesmas que obtiveram 0,00% no índice (ex.: Vulcan, Minas Moatize, ENH e outras). A percepção e a realidade convergem, assim, na identificação dos piores desempenhos.

Conclusão 2 - As percepções positivas são a excepção que confirma a regra

A avaliação favorável de algumas empresas também se alinha com os dados, embora de forma pontual.

- A Kenmare e a Sasol, que lideram o ranking, são igualmente reconhecidas por alguns *stakeholders* informados como relativamente mais transparentes. Isto mostra que o esforço de transparência, quando autêntico, tende a ser percebido e recompensado reputacionalmente - ainda que num círculo restrito.
- A percepção positiva sobre a MRM, sobretudo entre representantes do regulador, encontra eco nas suas boas pontuações no ITSE. Empresas com operações mais visíveis e inseridas em comunidades locais (como em Cabo Delgado e Tete) tendem a gerar avaliações mais favoráveis entre os actores com quem interagem directamente.

Conclusão 3 - O desfasamento de visões

O cruzamento de dados evidencia um desfasamento relevante entre a percepção do regulador e a dos restantes grupos.

Enquanto o regulador expressa uma visão predominantemente positiva, centrada no cumprimento de procedimentos e indicadores económicos, o ITSE e as percepções externas revelam um quadro de opacidade e limitação no acesso à informação. Esta divergência sugere que a regulação está mais orientada para processos internos do que para resultados de transparência efectiva.

Em suma, a comparação entre percepções e resultados do ITSE confirma que a opacidade é simultaneamente um facto mensurável e uma realidade percebida que alimenta a desconfiança, mina a legitimidade do sector e impede que a riqueza do subsolo se transforme em progresso para o povo. O caso da MRM (apontado por alguns inqueridos como a menos transparente) ilustra que a transparência formal (publicação de dados) não é suficiente se não for acompanhada por transparência efectiva, entendida como clareza, prestação de contas e diálogo consistente com as comunidades e o público

06.

PERFIS DE TRANSPARÊNCIA IDENTIFICADOS

A pontuação individual no ITSE é importante, mas a análise dos padrões de comportamento revela uma história mais profunda sobre a cultura de transparência (ou a falta dela) no sector extractivo de Moçambique. Com base nos resultados de 2025, e na sua evolução histórica, podemos agrupar as empresas avaliadas em cinco perfis distintos, cada um com os seus próprios desafios e oportunidades de melhoria.

Perfil 1: O Padrão-Ouro (Kenmare Resources)



PADRÃO OURO

Descrição: Empresas que demonstram excelência consistente e liderança em todas as dimensões da transparência. Elas não apenas cumprem, mas definem o padrão.

Diagnóstico: O seu desafio não é se tornar transparente, mas sim manter a excelência, inovar nas práticas de divulgação e usar a sua posição para pressionar o resto do sector a melhorar.

Empresa Exemplo: Kenmare Resources plc.

Perfil 2: A Melhoria Contínua (Sasol, MRM, Twigg)



MELHORIA CONTÍNUA

Descrição: Empresas que, embora não tenham a consistência histórica do Padrão-Ouro, demonstram um compromisso claro e sustentado com o progresso. Elas ouvem, agem e melhoram a cada edição.

Diagnóstico: Estas empresas são a prova de que o ITSE funciona como um catalisador para a mudança. O seu próximo passo é transformar a melhoria contínua em excelência consistente, especialmente nas áreas de *hard transparency* (Fiscal e Governação) para poderem desafiar o Padrão-Ouro.

Empresas Exemplo: SASOL Petroleum Temane, Montepuez Ruby Mining (MRM), Twigg Exploration & Mining.

Perfil 3: A Opacidade Selectiva (TotalEnergies, Eni, CMH)



OPACIDADE SELECTIVA

Descrição: Este perfil inclui empresas que são transparentes nas áreas que lhes convêm (*soft transparency* como Social e Ambiental), mas que permanecem opacas nas áreas que mais importam para a prestação de contas (*hard transparency* como Fiscal e Governação).

Diagnóstico: A sua transparência é uma ferramenta de relações públicas, não um compromisso com a prestação de contas. Elas sabem como ser transparentes, mas escolhem não o ser em áreas críticas. A recomendação para elas é clara: a transparência não é um menu à la carte.

Empresas Exemplo: TotalEnergies, Eni, CMH.

Perfil 4: Os Gigantes Adormecidos (ExxonMobil)



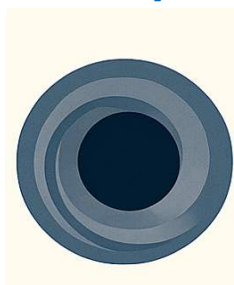
GIGANTES ADORMECIDOS

Descrição: Grandes multinacionais com políticas de transparência globais robustas, mas que falham em aplicar esses mesmos padrões em Moçambique. A sua pontuação no ITSE é vergonhosamente baixa e não reflecte a sua capacidade.

Diagnóstico: O problema aqui não é falta de capacidade, mas sim uma aparente falta de vontade ou de prioridade. A sua opacidade em Moçambique é uma decisão deliberada. A recomendação é simples: apliquem em Moçambique os mesmos padrões de transparência que aplicam nos vossos países de origem.

Empresa Exemplo: ExxonMobil.

Perfil 5: Os Buracos Negros Informativos (Vulcan, ENH Minas Moatize e os restantes 15 com 0%)



BURACOS NEGROS

Descrição: O maior e mais preocupante grupo. Estas empresas não fornecem qualquer informação pública relevante, operando num vácuo informacional.

Diagnóstico: Representam o maior risco para o desenvolvimento sustentável do sector. A sua opacidade total alimenta a percepção de corrupção, a desconfiança e o conflito. Para estas empresas, o primeiro passo não é melhorar, é simplesmente começar. A pressão regulatória e da sociedade civil sobre este grupo deve ser máxima.

Empresas Exemplo: Vulcan Resources, ENH, Minas Moatize Lda, e as 15 outras empresas com pontuação nula.

07. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A 5ª Edição do Índice de Transparência do Sector Extractivo (ITSE) 2025 confirma que cinco anos após o início do exercício a transparência no sector permanece estruturalmente fraca. A pontuação média de 17,98% revela um défice persistente de divulgação em áreas críticas e uma assimetria entre o discurso e a prática. A riqueza do subsolo continua a ser extraída sob um manto de secretismo, impedindo que os cidadãos façam a pergunta fundamental, “*o que estão a fazer com o que é nosso?*” A análise da 5ª edição permitiu observar a seguinte “verdade” por trás dos Números:

- a) As empresas melhoraram ligeiramente a sua comunicação em áreas de *soft transparency* (Social e Ambiental), mas continuam a esconder o essencial nas áreas de *hard transparency* (Fiscal e Governação). Falam sobre os seus projectos sociais, mas calam-se sobre os impostos que pagam, os contratos que assinam e quem são os seus verdadeiros donos. Isto não é transparência, são relações-públicas;
- b) Um pequeno grupo de elite (Kenmare, Sasol, MRM, Twigg) prova que a transparência é possível. No entanto, a sua excelência é ofuscada por um mar de opacidade, onde mais de metade das empresas (56%) obtiveram uma pontuação de 0,00%. O sector não está a falhar em ser transparente, a maioria do sector está a recusar-se a ser transparente;
- c) A conclusão mais preocupante é a performance das empresas públicas. A ENH, a empresa-bandeira de Moçambique no sector dos hidrocarbonetos, obteve 0,00%. A sua subsidiária, a CMH, embora com uma pontuação superior, ainda se encontra na mediocridade. Quando o próprio Estado se esconde na sombra, que autoridade moral tem para exigir luz dos outros?; e
- d) A trajetória de empresas como a Vulcan Resources (que colapsou de líder para 0,00% após a mudança de accionista) e a Haiyu Mining (que teve um pico de transparência e regressou à opacidade) prova que a

transparência não é uma inevitabilidade técnica mas uma decisão deliberada da gestão. A opacidade é uma escolha.

Recomendações

A. Empresas Extractivas

- i. Criar secções de transparência ou governação nos *websites* institucionais (em português), publicando: contratos de concessão, beneficiários efectivos, relatórios de pagamentos ao Estado (por imposto e por ano), planos ambientais e de encerramento.
- ii. Eliminação da transparência selectiva, através da extensão da divulgação de informações, saindo de apenas informação social e ambiental e estender às áreas fiscal e de governação.
- iii. Nomear pontos focais de transparência e participar de forma sistemática nos processos de avaliação do ITSE e de diálogo com a sociedade civil.

B. Governo e Reguladores (MIREME, INP, INAMI, AT)

- i. A ENH e as suas subsidiárias devem tornar-se referências em divulgação pública de contratos, beneficiários efectivos e relatórios financeiros, isto é, liderar pelo exemplo;
- ii. Aplicar as disposições existentes na Lei do Direito à Informação e na Lei do sector, impondo sanções administrativas em casos de incumprimento reiterado;
- iii. Consolidar num único portal nacional da transparência extractiva os contratos, as licenças, os pagamentos, os relatórios ambientais e os beneficiários efectivos de todas as empresas.

A análise do ITSE 2025 demonstra que a opacidade permanece o padrão dominante no sector extractivo moçambicano. A transparência é tecnicamente viável, juridicamente exigível e institucionalmente indispensável para a boa governação dos recursos naturais. A consolidação de mecanismos públicos de divulgação e de fiscalização efectiva é a condição mínima para transformar os recursos do subsolo em riqueza tangível para o país.

ANEXO I: Tabela de Análise Comparativa das Percepções sobre a Transparência do Sector Extractivo em Moçambique

Ord.	Tópico de Análise	Percepção do Público Geral	Percepção das OSCs	Percepção da Média	Percepção do Regulador	Avaliação Consolidada (Análise CIP)
1	Contribuição para o Desenvolvimento	Cepticismo generalizado. Maioria responde Não ou Talvez.	Cepticismo profundo. Respostas Não e Talvez.	Negativa (Não).	Positiva (Sim).	A percepção pública é de que os benefícios do sector não são visíveis nem equitativamente distribuídos, contrastando com a narrativa oficial dos reguladores, que destacam o contributo macroeconómico do sector
2	Transparência do Governo	Maioritariamente negativa (Não).	Unanimemente negativa (Não).	Negativa (Não).	Positiva (Sim).	Existe um fosso de percepção entre o Governo e os demais actores. Enquanto o regulador avalia positivamente a sua própria transparência, as OSCs e o público expressam desconfiança generalizada quanto à divulgação e qualidade da informação oficial.
3	Acesso à Informação	Muito Difícil. A maioria nunca teve acesso.	Difícil devido a barreiras estruturais (falta de dados, sem resposta).	Muito Difícil. Respostas das empresas são insatisfatórias	Empresas sempre respondem às solicitações formais.	O acesso à informação constitui o ponto de falha estrutural do sistema de transparência. Embora a informação exista a nível institucional, permanece inacessível ou inutilizável para actores externos devido à barreiras de formato, resposta e disponibilidade
4	Principal Responsável pela Transparência	Governo.	Governo.	Governo.	Empresas Extractivas.	Há consenso externo de que o Governo detém a responsabilidade central pela transparência, seja por acção directa ou por omissão na fiscalização das empresas, enquanto o regulador tende a transferir essa responsabilidade para o sector privado
5	Impactos Mais Sentidos	1. Ambiental 2. Deslocação de Famílias 3. Conflitos Sociais	1. Ambiental 2. Deslocação de Famílias 3. Falta de Transparência	1. Ambiental 2. Deslocação de Famílias 3. Falta de Transparência	Económicos (Emprego e rendimento).	Há uma desconexão profunda entre o discurso institucional e a experiência social. A sociedade sente, sobretudo, os custos socioambientais enquanto o Regulador privilegia indicadores económicos. Essa dissociação revela visões divergentes sobre o que constitui "impacto" e "benefício".
6	Empresas Percebidas como Mais Transparentes	1. Sociedade Águas Vumba 2. CINAC-Cimentos de Nacala, S.A. 3. Kenmare Resources plc e 4. Cimentos de Moçambique, S.A.R.L	Nenhuma empresa é considerada transparente.	Sasol Petroleum Temane.	1. MRM 2. Kenmare	A percepção pública associa transparência à notoriedade e proximidade do produto final (água, cimento), enquanto especialistas e reguladores baseiam-se em critérios de reporte e governação. Essa assimetria evidencia um défice de literacia pública sobre transparência corporativa.

As percepções foram recolhidas através de questionários aplicados a quatro grupos de actores, público geral, OSCs, média e regulador e interpretadas pelo CIP com base em análise qualitativa comparativa.



CENTRO DE INTEGRIDADE PÚBLICA
Anticorrupção - Transparência - Integridade

Parceiros:

